

Crise atual é a pior desde 1981

ANA MARIA GEIA

Um ano de perdas. Em 87, o consumidor viu desfilar diante de seus olhos uma completa indefinição, com os investimentos encalhados, crescimento mediocre dos salários, que teve perdas reais e abateu gravemente o seu poder de compra. Com a desvalorização do dinheiro, presenciou a derrocada de seu padrão de vida, ao mesmo tempo em que assustou-se ao ver o governo perdendo as rédeas do País. As famílias reduziram suas compras em níveis ainda mais acentuados do que em 82 — auge da crise — e a maioria acredita que a inflação tende a aumentar muito mais em 88. Por tudo isso, o consumidor não tem dúvidas: 87 foi o pior ano desde o pesadelo da recessão de 81/83.

A conclusão é do *Listening Post*, pesquisa da agência Standard, Ogilvy & Mather, realizada em janeiro com 650 pessoas (450 mulheres e 200 homens) de São Paulo, Rio de Janeiro, Curitiba, Porto Alegre, Salvador, Belo Horizonte e Recife, que será divulgada nos próximos dias. A idéia foi tentar medir os reflexos do ano passado entre os consumidores, quanto ao poder de compra, investimentos familiares, padrão de vida, e sua atitude em relação à inflação, além de diagnosticar a perspectiva de futuro.

Um dos principais pontos da pesquisa mostra que as pessoas estão voltando a irritar-se demais com a inflação e com a perda de moralidade do País. A maioria (36% dos homens e 23% das mulheres) acha

que os problemas políticos são, hoje, as maiores dificuldades do Brasil, seguidos da inflação de acordo com 20% dos homens e 25% das mulheres entrevistadas. Aliás, esse é um ponto novo registrado pelo *Listening Post* em seus 11 anos de existência. "A inflação sempre foi encarada como o 'monstro' do País. Hoje, se vê que ela se equipara aos problemas políticos porque há um entendimento de que a inflação não será resolvida enquanto houver o entrave político", explica Roseli Azambuja, coordenadora da pesquisa.

Entre os entrevistados, há ainda queixas generalizadas quanto à perda do poder aquisitivo e 65% da amostra acha que já não pode mais comprar o mesmo de antes com o salário que ganha. Tanto que 61% alegam ter reduzido suas compras nos supermercados, contra 33% que garantem não ter cortado nenhum item na alimentação. Comparando esse dado a 82, um dos piores anos da crise do início da década, a conclusão é de que a perda do poder aquisitivo é maior hoje: naquele ano, apenas 38% dos entrevistados alegaram ter chegado ao ponto de diminuir as compras no supermercado.

O ano de 87 também marcou a baixa dos investimentos da família. Apenas 55% da amostra feminina afirmou continuar investindo, a maioria (85%) em caderneta de poupança, nível também inferior ao registrado em 82, quando 62% do universo da pesquisa investiu. No raciocínio das donas de casa, do jeito que as coisas estão, "vamos ter de

alugar o Brasil". "Só falta entrarem na casa da gente e levar as coisas para ajudar no pagamento da nossa dívida", reclamam.

Outro ponto importante é que os efeitos da crise, aparentemente, se democratizaram. Na crise de 80, a *Listening Post* encontrou o consumidor queixando-se mais das perdas da classe média. Agora, a visão generalizada é de que todas as classes sofreram, de que "ninguém" tem mais dinheiro para nada e "as pessoas" não têm mais condições de sobrevivência. Quem avalia 87 com olhos menos críticos e define o ano como regular (24% dos homens e 20% das mulheres), assim mesmo faz uma ressalva: o ano começou bem, mas "descambou"; o governo ainda não encontrou o ritmo certo, etc..

As lideranças também perderam o brilho aos olhos do consumidor em 87 e poucas personalidades se destacaram. O presidente José Sarney foi o que mais se destacou, mas negativamente, com 17% das respostas. E, para 88, a perspectiva é de que a corrupção vai piorar (68%) juntamente com o poder de compra (54%) e a inflação (66%). Incrédulos, eles só confiam hoje em Deus (21% homens e 34% mulheres) ou em nada (19% e 22%). Para eles, só um milagre conserta o País.

Os principais problemas do País

	% homem	% mulher
O Políticos	36	23
O Inflação	20	25
O Sociais	9	27
O Dívida externa	13	10

(Tabela resumida)